

Nos EUA, ninguém acredita

WASHINGTON — A palavra do ministro das Finanças do Japão, Kiichi Miyazawa, conclamando a uma tomada de posição mais ativa de seu governo na questão da renegociação da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, foi imediatamente transmitida a Brasília para o gabinete do ministro Bresser Pereira e lá recebida como uma bênção. Mas, na comunidade financeira internacional e mesmo nos meios acadêmicos, o pronunciamento não produziu a menor marola. Simplesmente porque ninguém acredita na disposição do Japão de sair do fundo do palco para um solo diante de uma platéia de devedores esqueléticos. “Os japoneses falam muito, mas não fazem nada”, fuzilou o economista Rudiger Dornbusch. “Os bancos japoneses terão que manter uma posição discreta”, disse ao JORNAL DO BRASIL Hironobu Iyo, diretor de pesquisa da filial nova-iorquina da poderosa financeira japonesa Daiwa Securities.

Por enquanto é apenas uma declaração — reagiu com ceticismo o economista William Cline, do Instituto de Economia Internacional. Com ele concordam fontes ligadas aos organismos internacionais. Tanto o Banco Mundial quanto o Fundo Monetário Internacional não perceberam qualquer iniciativa prática, além de declarações retóricas, da disposição japonesa de colocar nas mãos dos países do Terceiro Mundo uma gorda fatia de seu imenso superávit. No âmbito dos bancos que conduzem o processo de renegociação da dívida, os banqueiros japoneses têm, invariavelmente, assumido a posição ditada pela liderança americana — o que se traduz num comportamento conservador diante de novas soluções para esta questão.

Muita espuma — O exemplo mais lembrado quando se fala em maior agressividade japonesa no campo financeiro internacional é o fracasso de suas negociações com o governo filipino em torno de um empréstimo de longo prazo de 3 bilhões de dólares. Até agora, estas conversações não produziram qualquer fruto. “Se não aconteceu nada, mesmo num país dentro de sua influência econômica como as Filipinas, imagine na Amé-

rica Latina”, comentou Dornbusch. “Suas promessas soam tão remotas como as que fazem ao governo americano no sentido de que abrirão seus mercados aos produtos estrangeiros”, argumentou Dornbusch. O economista raciocina no sentido da inevitabilidade de o governo japonês necessitar lançar mão de seu imenso superávit para apagar alguns incêndios que resultarão do constante atrito com seus parceiros do Hemisfério Norte.

Um alto funcionário de um organismo internacional credita o discurso do ministro das Finanças do Japão na conta de relações públicas. “É preciso manter acesa a chama da esperança de que algum dia os ienes estarão à disposição do mundo para sanar suas dificuldades. No entanto, entre o discurso e a ação vai uma distância infinita, sobretudo se levarmos em consideração o estilo decisório dos japoneses”, observou o funcionário.

Com a invejável posição de maior credor mundial, o Japão não pára de crescer. Sua população tem o saudável hábito de poupar em média 17% do que ganha, contra apenas 4% nos Estados Unidos. Assim, não é de se estranhar terem seus investimentos no mercado imobiliário americano dado um salto de 18% em relação a 1985. Até o final do ano passado, os japoneses haviam investido nada menos que 23,4 bilhões de dólares na compra de edifícios de escritórios, hotéis e até mesmo cassinos em Las Vegas. No mês passado, quando o Tesouro americano colocou à venda mais uma emissão de títulos de médio e longo prazos, não foi surpresa quando os japoneses se alinharam entre os primeiros compradores, arrematando, ao final, mais de 30% do total da emissão.

“Eles gostam de papéis também, mas só com o lastro de uma economia forte”, comentou um economista. Para ele, a euforia da equipe econômica brasileira não passa de mais uma precipitação. “É como na época dos xequês do petróleo. Todo mundo acreditava ser o Brasil a melhor opção para investir os petrodólares. Engano. Enquanto os brasileiros viviam esta ilusão, eles estavam comprando metade de Londres”, comentou.